



SUPERVISOR ESCOLAR - UM LÍDER EMPREENDEDOR NA CIRCUNJACÊNCIA ESCOLAR

RESUMO

Este artigo surgiu com a intenção de mostrar a visão de empreendedorismo no contexto educacional e, desta forma, como o supervisor escolar pode ser um empreendedor e, conseqüentemente, inovador na circunjunção escolar. Como objetivo foi proposto: analisar os processos que norteiam as características de um líder empreendedor quando incorporado ao perfil do supervisor escolar. Para contribuir no alcance do objetivo elencado, levantou-se a seguinte questão: é possível ser um supervisor escolar e simultaneamente ser um empreendedor na circunjunção escolar e, ainda, de que forma o Supervisor Escolar e suas ações empreendedoras podem contribuir com a formação docente, com a ação pedagógica e, conseqüentemente, com os alunos? Pretende-se, portanto, defender a ação empreendedora do supervisor escolar. Para tanto, buscou-se, através de pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamentada nos autores Careli et al. (2013); David (2004); Dolabela (1999, 2003); Lagar, Santana e Dutra (2013); Rangel (2001, 2010), demonstrar como o empreendedorismo é importante no ambiente escolar, pois, ao contrário do que indica o senso comum, está diretamente ligado a todas as áreas sociais e às nossas vidas. Assim, constata-se que o supervisor tem grande importância na circunjunção escolar, e suas ações de pensar e agir de forma empreendedora contribuem para mudanças significativas nesse espaço.

Palavras-chave: Supervisor. Empreendedor. Circunjunção Escolar.

INTRODUÇÃO

Com a intenção de compreender o empreendedorismo no contexto educacional e demonstrar como o supervisor escolar pode ser um empreendedor e, conseqüentemente, inovador na circunjunção escolar, surge a presente pesquisa. Para tanto, partiu-se da se-

BENTO, Sandra Regina
Pinto.
Pedagoga; Especialista em
Supervisão Escolar.
(SINERGIA)
sandra.bentoo@hotmail.com

MACARINI, Adriana
Rodrigues Luz.
Pedagoga; Mestre em
Educação.
(SINERGIA)
adriamacarini@gmail.com
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4531966P6>

FRAINER, Viviane.
Pedagoga, Especialista em
Supervisão Escolar e em
Orientação Escolar
(SINERGIA)
vivianefrainer@hotmail.com
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4315019P3>

BENTO, Sandra Regina Pinto;
MACARINI, Adriana Rodrigues Luz;
FRAINER, Viviane. Supervisor
Escolar - Um líder empreendedor na
circunjunção escolar. **REFS –
Revista Eletrônica da Faculdade
Sinergia**, Navegantes, v.9, n.14, p.
41-49, jul./dez. 2018.

guinte problemática: é possível ser um supervisor escolar e simultaneamente ser um empreendedor na circunjunção escolar? E ainda, de que forma o Supervisor Escolar e suas ações empreendedoras podem contribuir com a formação docente, com a ação pedagógica e, conseqüentemente, com os alunos?

Para responder à pergunta, elencou-se como objetivo geral analisar os processos que norteiam as características de um líder empreendedor quando incorporado ao perfil do supervisor escolar. Para contribuir, como objetivos específicos foi proposto: a) compreender as competências necessárias para que o supervisor escolar torne-se um líder empreendedor; b) relacionar empreendedorismo com a educação e a profissão de supervisor escolar; c) perceber quais habilidades precisam ser desenvolvidas para que o supervisor escolar seja um empreendedor; d) despertar no educador uma conscientização criativa e o interesse em querer saber empreender em suas aulas.

Pretende-se, portanto, defender a ação empreendedora do supervisor escolar, levando essa perspectiva aos professores para que os mesmos possam empreender em suas aulas, como um perfil profissional necessário para atender às exigências das novas formas de ensinar. Sem dúvida, existem educadores com talento nato para empreender, basta o supervisor escolar estimular. Porém, muita energia pode ser poupada e tempo economizado se o acesso às ferramentas e metodologias adequadas ocorrer no tempo certo.

Assim, a pesquisa, de natureza bibliográfica, foi fundamentada nos estudos de Careli et al. (2013); David (2004); Dolabela (1999, 2003); Lagar, Santana e Dutra (2013); Rangel (2001, 2010), que por sua vez torna possível constatar que o supervisor tem grande importância na circunjunção escolar, e suas ações de pensar e agir de forma empreendedora contribuem para mudanças significativas nesse espaço.

1 SUPERVISOR ESCOLAR - UM LÍDER EMPREENDEDOR

1.1 A INSERÇÃO DO SUPERVISOR NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A supervisão escolar no Brasil apareceu com a Reforma Francisco Campos, Decreto n.º 18.890 de 1931. Foram idealizados, então, os primeiros supervisores com o entendimento da intervenção no ensino primário. A finalidade desta intervenção, segundo o que se recomendava, era a melhoria do ensino ou capacitação do professor secular. A formação oferecida aos supervisores desbravadores legava-se ênfase às estratégias e conjunto de métodos e procedimentos de ensinamento, “sendo a supervisão a ação necessária ao controle do trabalho docente” (LAGAR; SANTANA; DUTRA, 2013, p. 45).

De acordo com Veiga (2004), a década de 30 contemplou mudanças e transformações sociais, econômicas e políticas consideráveis, influenciando também o modelo educacional. Neste contexto, a educação adquire um caráter mais técnico, valorizando os meios de

organização das escolas a partir da primeira reforma brasileira educacional realizada no início da Era Vargas (1930-1945), sob o comando do Ministro da Educação e Saúde Francisco Campos.

Neste período, o Supervisor Escolar executava as normas ‘prescritas’ pelos órgãos superiores, e eram chamados de ‘orientadores pedagógicos’ ou ‘orientadores de escola’. Neste contexto, Medeiros (apud LAGAR; SANTANA; DUTRA, 2013, p. 45) discorre que este profissional passou, então, a

[...] incorporar tanto em sua concepção como prática os pressupostos e a linguagem das teorias de administração de empresas, configurando-se como um serviço técnico independente de qualquer opção política e ideológica, ou seja, um serviço neutro.

Rangel (2001, p. 11), enfatiza essa concepção arcaica sobre o supervisor, quando menciona que este profissional era “considerado

o instrumento de execução das políticas centralmente decididas e, simultaneamente, o verificador de que essas mesmas políticas eram seguidas”.

A função de Supervisor Escolar surge, segundo Saviani (apud FERREIRA, 2003, p. 26), “[...] quando se quer emprestar à figura do inspetor um papel predominantemente de orientação pedagógica e de estímulo à competência técnica, em lugar da fiscalização para detectar falhas e aplicar punições [...]”.

Após o advento da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 4024/61, é que o papel do supervisor começa a ser interpretado de outra forma, pois esta lei passou a prever setores especializados para coordenar as atividades pedagógicas nas escolas, como forma de buscar a execução das políticas educacionais desejadas pelos Sistemas de Ensino. Em consequência disso, o Supervisor Escolar passou a ter legalmente um poder instituído que determinava suas ações frente ao corpo docente e à proposta pedagógica da escola, e a partir de então, começou a ser reconhecido como profissional da educação, passando a ter suas atribuições definidas pelos órgãos superiores.

No decorrer dos anos seguintes, foi possível perceber um avanço em termos de conceituação de Supervisão Escolar, quando se reconhece a necessidade de relação deste com os outros profissionais da escola como “[...] um trabalho de assistência ao professor, em forma de planejamento, acompanhamento, coordenação, controle, avaliação e atualização do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem” (RANGEL, 2001, p. 13).

Esta conceituação propôs que a Supervisão fosse percebida, levando-se em conta duas outras dimensões: a relação entre os sujeitos, Supervisor – Professor, e o ensino e a aprendizagem, objeto de trabalho desses profissionais, ultrapassando a simples execução de tarefas e a ‘fiscalização’ do trabalho realizado. Seguindo nesta linha, Alonso (2003) afirma que a Supervisão segue numa perspectiva relacional, construída no cotidiano da escola e que,

[...] vai muito além de um trabalho meramente

técnico-pedagógico, como é entendido com frequência, uma vez que implica uma ação planejada e organizada a partir de objetivos muito claros, assumidos por todo o pessoal escolar, com vistas ao fortalecimento do grupo e ao seu posicionamento responsável frente ao trabalho educativo (ALONSO, 2003, p. 175).

Essas novas competências defendidas por Rangel (2001) e Alonso (2003), assim como por outros autores, enfatizam que ser supervisor escolar ultrapassa a função meramente de inspeção e passa a ser coordenação do trabalho pedagógico. Este novo cenário oportuniza este profissional tornar-se um parceiro do docente, comprometido com a aprendizagem real e significativa.

Percebe-se que este profissional passa a ser, além de reconhecido, peça importante na escola para implementação da inovação, coordenação dos processos, transformação desse espaço em todas as suas dimensões e para obtenção da qualidade educacional e, conseqüentemente, o sucesso escolar do aluno.

A partir da análise das novas concepções e competências atribuídas ao supervisor escolar, é fato que sua caminhada é conflituosa e cheia de desafios. Cabe, então, uma reflexão: apesar de tantos esforços para reconhecimento desse profissional, como profissional da educação, como corresponsável com a ação pedagógica, significa que essa é a atual prática dos supervisores nas escolas? Faz-se necessário refletir sobre o papel e sobre a atuação do supervisor escolar neste novo contexto educacional e social, como o profissional que precisa romper com o paradigma tradicional e comprometer-se com a democratização da escola.

1.2 O EMPREENDEDORISMO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO E A PROFISSÃO DE SUPERVISOR ESCOLAR

O Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (2002), define empreender como: que empreende; ativo, arrojado, cometedor. 2. Aquele que empreende. Que define também: Chefe de uma empresa. Chefe de uma empresa especializada na construção, nos trabalhos públicos, nos trabalhos de habitação. Pessoa

que, perante contrato de uma empresa, recebe remuneração para executar determinado trabalho ou auferir lucros de outra pessoa.

Para Dolabela (1999, p. 43), “é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *preneurship*, utilizada para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação”. Apesar da popularização através da importação do inglês, o empreendedorismo vem da palavra ‘*entrepreneur*’, palavra francesa que era usada no século XII e que traz o significado de intermediário, originalmente relacionada como atravessador entre a fonte fornecedora e o mercado consumidor, facilitando todo o processo de troca e assumindo riscos.

Ao longo do tempo, empreender perdeu a conotação meramente administrativa, pois ser empreendedor vai além de criar novos negócios. Sua essência, quando incorporada ao perfil profissional, de qualquer área, leva em consideração alguns aspectos determinantes como ter iniciativa, ser apaixonado pelo que faz, ser criativo, assumir os riscos e a possibilidade de fracassar, ser comprometido e ser ousado, apesar dos obstáculos que aparecem pelo caminho.

Coadunando-se a esta ideia, o relatório da Accenture (pesquisa internacional conduzida entre janeiro de 2000 e junho de 2001), referenciado por Bom Ângelo (2003, p. 25), aponta empreendedorismo como “[...] a criação de valor por pessoas e organizações trabalhando juntas para implementar uma ideia por meio da aplicação de criatividade, capacidade de transformação e o desejo de tomar aquilo que comumente se chamaria risco”.

Dornelas (2008, p. 22), contribui ainda com esta nova perspectiva de empreender, quando diz que “[...] empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto levam à transformação de ideias em oportunidades”.

Inicialmente, como já visto, o empreendedorismo era entendido como uma subárea da administração, um sistema aberto, exposto e, recentemente, vem sendo estruturado como um campo específico do

conhecimento, porém ainda com seus conceitos em construção. Pesquisadores de diferentes campos vêm estudando o termo empreendedorismo, sendo assim, cada área constitui seu significado, conforme seus princípios, ou seja, ligado não somente à área econômica de um país, mas também ao setor social e cultural, gerando expectativas de libertação ou de transfiguração da sociedade com auxílio da educação. Assim, o empreendedorismo também está ligado à educação e tem sido visto como algo novo, mas possível e de grande contribuição para atingir-se a tão almejada qualidade educacional.

Desta forma, pensar em empreendedorismo na área da educação, principalmente relacionado à profissão de supervisor escolar, requer deste profissional um novo perfil de liderança na circunjunção escolar, de forma inovadora. Desta forma, suas contribuições estarão em tomar novas ideias ou mesmo protótipos e transformá-los em realidade. Ou seja, buscar uma visão diferente dos fatos e agir, em vez de ficar observando e esperando as coisas acontecerem no dia a dia da escola, na maioria das vezes, sem planejamento e ainda de forma arcaica, uma vez que se viu nas últimas décadas profundas mudanças se sucederem na sociedade com a globalização, a difusão das tecnologias, o nascimento da Era da Informação e o fim da Era Industrial, acontecimentos estes que impactam nas mais diversas áreas relacionadas ao comportamento humano; e com a educação não é diferente. O velho modelo de sociedade não mais responde às necessidades e anseios sociais, exigindo urgentemente um novo perfil do supervisor, capaz de rever suas práticas e buscar no ato de empreender em suas ações, uma luz e esperança para trilhar caminhos certos na educação, principalmente de contribuir com seus pares em prol dos educandos.

As principais mudanças sociais que influenciaram a área da educação no fim do século XX e início do século XXI, decorrentes de um novo paradigma da informação e da comunicação, têm que ser aliadas do supervisor, pois a informação e o conhecimento passaram a ter grande importância; novos

conhecimentos e habilidades que não costumavam ser exigidos na sociedade industrial passaram a ser demandados, tais como: criatividade, capacidade de discussão crítica, capacidade de trabalho em equipe e participação efetiva em ambientes de trabalho menos hierárquicos. O uso das tecnologias de informação e comunicação e um constante e ininterrupto processo de aprendizado, exige um eterno reciclar-se e adaptar-se continuamente e isso se faz necessário e urgente neste novo contexto educacional (DEMO, 2000).

Levando em conta essa abordagem e o conceito de empreendedorismo, como um sistema aberto, exposto anteriormente, entende-se a educação para o empreendedorismo, como um processo de transmissão/aquisição do conhecimento sobre o ambiente e sobre o próprio indivíduo. Nesse sentido:

[...] esse tipo de educação visa a contribuir para o desencadeamento de habilidades, atitudes e comportamentos para a prospecção e exploração de oportunidades de transformação do meio em que vive pelo desenvolvimento econômico, social e cultural” (FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2006, p. 7).

O supervisor em parceria com o professor precisa ser agente de transformação, capaz de reger a sociedade para ideais mais justos e igualitários, proporcionando um aumento cada vez maior de oportunidades, intelectual e moral nos diferentes setores da sociedade, pois este deve ser o compromisso ético com a educação por parte dos responsáveis e corresponsáveis com uma Educação Empreendedora.

Segundo Neto (2009, n.p.), empreendedorismo tem como palavras-chave:

- Atividade geradora de valor;
- Reconhecer novas oportunidades;
- Satisfaz necessidades;
- Cria valor para a sociedade;
- Aquele que destrói (destruição criativa – Schumpeter);
- [...].

A partir das considerações de Neto (2009), faz-se urgente refletir sobre o modelo educacional que hoje se configura, dando um novo sentido e proporcionando um novo modelo de escola, incluindo atitudes e disciplinas no currículo escolar que oportunize aos alunos o

desenvolvimento de habilidades para viverem em na atual sociedade, ágil e digital, que satisfaça, também, o novo modelo de aluno. Isso significa dar valor às ações, enxergar as oportunidades nos mais amplos sentidos, satisfazer o aluno quanto aos seus anseios, quanto à nova configuração social, oportunizar melhores cidadãos para a sociedade, para tanto, é incontestável desconstruir modelos arcaicos. Para nos guiar nesse sentido, os princípios de Paulo Freire auxiliam-nos a seguir confiando na educação, como um dos instrumentos de libertação do ser humano, certos de que um novo mundo é possível a partir da solidariedade entre as pessoas e, desta forma, juntos vamos além.

Assim, são características, do empreendedor de qualquer área, ainda mais da área da educação, que atua com seres humanos que serão responsáveis pelo futuro do país:

- Princípios éticos;
- preocupação com o desenvolvimento contínuo;
- autocrítica;
- ousadia para inovar;
- muita dedicação ao trabalho;
- perseverança;
- criatividade;
- busca de oportunidade e iniciativa;
- persistência;
- comprometimento;
- independência e autoconfiança (NETO, 2009, n.p.).

Por isso, o supervisor empreendedor deve estar alicerçado de diversas atividades que objetivam fomentar o desenvolvimento do espírito empreendedor em seus professores e na comunidade escolar que atuam, não para abrirem seus negócios, mas para empreenderem nas suas vidas, buscando a criatividade e iniciativa.

No entanto, a constatação mais significativa é que o supervisor empreendedor tem sido tratado como coisa de ‘gente grande’ por ser uma proposta que leva o supervisor a se descobrir como empreendedor de suas ações, sentindo-se corresponsáveis com seu corpo docente, buscando criatividade, propondo atividades, executando tarefas, mesmo que haja riscos, e também enfrentando os problemas, caminhando por lugares desconhecidos, mesmo

sem bússola, tomando atitudes que ninguém tomou. Sendo assim, o supervisor empreendedor tem um caráter revolucionário, significando quebra de paradigmas na tradição didática, pois tanto a supervisão, quanto o empreendedorismo, articulam-se para o desenvolvimento de indivíduos de maneira

integral. Enfim, o supervisor empreendedor deve desenvolver habilidades e ensinamentos relativos ao respeito à cultura, valores, crenças para uma sociedade sustentável de forma criativa e inovadora, mudando a atual visão de educação em nosso país e formar pessoas críticas, criativas e conscientes.

2 EMPREENDEDORISMO E SUPERVISÃO ESCOLAR NA CIRCUNJACÊNCIA ESCOLAR

Ação empreendedora na circunjunção escolar com dinamismo e criatividade é algo que assusta já que a mesma se utiliza, com frequência, da maneira tradicional de ensinar. Segundo Demo (2000), tal abordagem é concebida a partir da autoridade do professor (o detentor do conhecimento, que ensina, avalia e 'até' reprova), que exerce a função de transmitir conhecimento. Neste contexto, o supervisor empreendedor assume o papel de mediador, mostrando que o dinamismo e a criatividade são ações que facilitam no processo de ensino e aprendizagem, incentivando o potencial inovador, e essa prática requer uma mudança, principalmente de comportamento dos envolvidos no processo, que permita o surgimento dessas inovações no âmbito escolar, quebrando, desta forma, paradigmas, conceitos e ações tradicionais, o óbvio praticado nas escolas. Empreender na circunjunção escolar significa aprimorar as ações por meio de um conjunto de comportamentos e habilidades que nada mais é do que a destreza em empregar as capacidades físicas e intelectuais, definida por Katz (1986) como aquilo que "[...] implica na capacidade que pode ser desenvolvida, e não, necessariamente, inata, que se manifesta no desempenho e não apenas no potencial" (KATZ, 1986 apud DAVID, 2004, p. 32).

Katz (1986) afirma que para que se tenha êxito, bom desempenho, o profissional precisa ter três habilidades básicas:

- a) Habilidades técnicas: consistem na compreensão e proficiência em um determinado tipo de atividade, saber utilizar métodos, técnicas e equipamentos necessários para realizar a contento um determinado trabalho.
- b) Habilidades humanas: facilidade para trabalhar como membro de um grupo e em

equipe, com cooperação e flexibilidade; saber se comunicar.

c) Habilidades conceituais: forma como se compreende e reage aos objetivos e políticas da organização, empregando conceitos, idéias e abstrações (KATZ, 1986 apud DAVID, 2004, p. 33).

O supervisor precisa ter conhecimento do contexto educacional, do processo ensino e aprendizagem, precisa estar atento, intervir de forma positiva e inovadora, conhecer a fundo seu papel na circunjunção escolar, deve ser um estudioso, pesquisador, questionador e, nesse contexto, ter empatia, saber ouvir, falar e manter a melhor relação interpessoal possível, pois é peça chave na coordenação de ações dentro da escola e, portanto, a pessoa certa para implementar estratégias empreendedoras na escola. Sua responsabilidade é de implementar e assegurar que o Projeto Político Pedagógico da escola seja eficaz e democrático e o currículo seja inovador, atendendo o que preconiza o empreendedorismo.

Nesse sentido, agregar o empreendedorismo à ação supervisora requer, em primeiro lugar, que este profissional tenha conhecimento a respeito de si mesmo e em relação ao meio que está inserido. Logo, pensar de forma empreendedora, sem dúvida, contribuirá com o perfil deste profissional, assim como planejar e agir para auxiliar os professores a superarem a sua condição atual de forma crítica, e assim, planejarem cada passo, a ponto de tomarem decisões, fazerem a diferença, explorarem ao máximo as oportunidades, quebrarem a ordem corrente, inovarem, criarem oportunidades na ordem presente. Ou seja, utilizarem de seu capital intelectual e sua criatividade na busca de soluções de melhoria da qualidade de vida: pessoal e profissional,

para produzirem novos conhecimentos, técnicas, inovação e renovação de sua história e, conseqüentemente, melhoria no desenvolvimento da educação.

Para Careli et al. (2013), ser empreendedor é tomar decisões, o que significa, além de correr riscos, caminhar por um caminho de descobertas das oportunidades e transformar ideias em inovação bem-sucedida. O supervisor, nesse contexto, deve planejar, disseminar, acompanhar ações onde o aluno seja preparado para participar de forma ativa da construção do seu desenvolvimento e do desenvolvimento social. Nesse sentido, ações como: valorizar o professor da instituição; dinamizar os conhecimentos já dominados pelo professor; colaborar para que metodologias sejam recriadas; respeito à cultura da comunidade, dos alunos, da instituição, do próprio professor; agir para que ocorra mudança cultural no contexto no qual estão inseridos; oportunizar a rápida disseminação da cultura empreendedora; integrar professores de áreas diferentes; apoiar-se na geração do sonho coletivo, na construção do futuro, devem ser pensadas e colocadas em prática pelo supervisor escolar para mudar a realidade hoje existente (DOLABELA, 2003).

Agir de modo empreendedor é aliar-se à educação, pois permite que o supervisor provoque o professor e a escola a formarem agentes de mudanças aptos a trilharem pelos caminhos incertos, de um mundo sem fronteiras. A mudança deve estar presente na sala de aula, as aulas precisam ser estimulantes, as atividades devem fomentar o pensamento crítico dos alunos, desenvolver o potencial criativo dos mesmos a ponto dos alunos serem capazes de perceber as oportunidades, serem proativos e confiantes em suas potencialidades, capazes de trabalhar de forma colaborativa e proporem soluções para situações-problema que se apresentam. Para tanto, o professor deve utilizar metodologias inovadoras: *design thinking*, gamificação, aprendizagem baseada em projetos (PBL), aprendizagem invertida, numa abordagem participativa, fazendo uso de tecnologias. (GOBB, 2018). Estas ideias veem as encontro com o que afirma Dolabela (2003),

uma aprendizagem voltada para a visão empreendedora refere-se a uma formação voltada para a autonomia e à criatividade.

O supervisor empreendedor pode transformar a situação mais trivial em uma oportunidade excepcional, já que seu perfil pode ir do visionário ao sonhador; o fogo que alimenta o futuro; vive no futuro, nunca no passado e raramente no presente, ou seja, a reflexão de Dolabela (2003, p. 15), representa que “[...] empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem, antecipa-se aos fatos e tem uma visão futura da organização”. Portanto, ele deve ser inovador, o grande estrategista, o criador de novos métodos para penetrar em novos campos de atuação.

No campo educacional, ainda, ser um supervisor empreendedor significa estar disposto a buscar novos conhecimentos tecnológicos, formação continuada, ter flexibilidade, adotar prática criativa, entre outros, combustíveis essenciais para triunfar na jornada empreendedora.

Partindo dessa visão, a educação será desenvolvida de maneira mais dinâmica, na qual os envolvidos sejam participativos, foquem em um mesmo objetivo, em uma educação igualitária e de qualidade, portanto, trabalhem em conjunto no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, o supervisor não pode medir esforços, deve interagir de forma construtiva e coletiva, fazendo com que os professores participem de forma conjunta no processo, respeitadas as suas individualidades e dificuldades.

Neste sentido, um exemplo a ser seguido é Freire (1991), que apresentava uma prática docente empreendedora, comprometida e democrática, inspirando e provocando que se refletisse a educação e a prática pedagógica, numa dimensão eminentemente comprometida com a vida e suas manifestações, ensinando a construir o conhecimento vivo da vida, como um todo, exercitando a leitura crítica do mundo, tendo uma visão transformadora para uma sociedade inclusiva e justa. Este é o princípio da visão empreendedora.

O ser humano que a escola pretende formar, torna-se imperioso, ser aquele capaz de

construir sua própria história, a partir de uma participação efetiva, criativa e visionária da sociedade, um homem inserido nas tarefas de seu tempo; voltado para realização de sua individualidade e dotado de consciência social.

De forma figurativa, é uma corrida de obstáculos, com várias pistas, com trajetos diversos, um único competidor por pista e barreiras personalizadas, cada uma com sua largada e distâncias diferentes a serem percorridas com apenas um ponto em comum, todas as pistas levam a um único lugar, ao pódio, e a premiação será sempre a 'medalha' do conhecimento; e o vencedor? O vencedor

será o aluno, objeto fim desse processo educacional, pois, como traz a Lei de diretrizes e Bases da Educação (9396/96), em seu art. 2.º “[...] a missão de cada Escola, de cada gestor, de cada professor, é promover o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para a cidadania e qualificando-o para o trabalho”.

Enfim, um líder empreendedor na circunstância escolar, quando integrado ao perfil do supervisor escolar, desencadeará ações de gestão escolar de sucesso por meio de um olhar cauteloso, transformador, que modificará o seu ambiente e ciclo de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivendo um processo de transformação no currículo escolar, e a escola surge neste contexto como Instituição promotora do processo de ensino e aprendizagem inovadores, como espaço de vida, de socialização e formação do cidadão. Isto requer que profissionais da educação sejam agentes de mudança. Logo, pensar em uma escola empreendedora, que envolva as pessoas em prol da transformação de ideias em oportunidades, faz-se necessário. Nesse sentido, o supervisor escolar pode ser o elemento humano chave, todavia, para que este profissional tenha êxito, um bom desempenho necessita aliar três habilidades básicas: habilidade técnica, humana e conceitual.

Nessa perspectiva, o supervisor empreendedor tem que estar atento às mudanças e tentar assumir o papel de agente facilitador na construção dos saberes e de novas competências, utilizando as tecnologias e mídias a seu favor, estando sempre à frente, pois tem a missão de preparar o docente para

uma nova forma de planejar e executar sua ação pedagógica, com criatividade e responsabilidade, exigindo referenciais na direção do trabalho e da cidadania, sustentando o fazer pedagógico na escola através da ação inovadora, participativa e contínua.

Diante do exposto, constatou-se que é possível empreender na circunstância escolar, no entanto, o supervisor escolar, devido a seu papel desafiador, muitas vezes conflituoso, deve contribuir para que ocorram mudanças significativas nesse espaço, através de um novo perfil de liderança, onde o acompanhamento seja uma constante, impere o companheirismo, o incentivo e a inovação, oportunizem-se ações criativas, valorizem-se iniciativas em prol da formação de cidadãos críticos, prontos para viverem em sociedade. Como consequência, essas ações influenciarão os professores a empreenderem e ambos contribuirão para que os alunos se tornem empreendedores em suas vidas.

REFERÊNCIAS

ALONSO, M. A Supervisão e o desenvolvimento profissional do professor. In: FERREIRA, N. C. (Org.). **Supervisão Educacional para uma escola de qualidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 167-182.

ANJOS, A. dos. **Relação entre a função de liderança do Supervisor Escolar e a satisfação de professores**: estudo de caso na 1ª D. E. de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: PUCRS, 1988.

AURIOLO, **Mini dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Ver. e ampl. 7. imp. Rio de Janeiro, 2002.

BOM ANGELO, E. **Empreendedor Corporativo**: a nova postura de quem faz a diferença. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BRASIL. Lei n.º 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

CARELI, S. L. O. et al. O Empreendedorismo Corporativo como Estratégia Competitiva numa Organização. **X SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. 2013. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/32118289.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2017.

DAVID, D. E. H. **Intraempreendedorismo social**: perspectivas para o desenvolvimento social nas organizações. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DEMO, P. **Conhecer e aprender**: sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura Editora Associados, 1999.

_____. **O Segredo de Luisa, uma Idéia uma Paixão e um Plano de Negócios**: como nasce um empreendedor e se cria uma empresa. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

_____. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.

DORNELAS, J. C. de A. **Empreendedorismo Corporativo**: Como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008

FELIPPE, M. I. **Empreendedorismo**: buscando o sucesso empresarial. Sala do Empresário, São Paulo, 1996, v. 4, n. 16, p. 10-12.

FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C.; GIMENEZ, F. A. P. Estudo comparativo das práticas didático-pedagógicas do ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e norte americanas. **Revista Alcance – Univali**, v. 13, n.2, p. 207 – 225, maio/ago 2006. Disponível em: <http://www.academia.edu/5626404/Estudo_comparativo_das_pr%C3%A1ticas_did%C3%A1tico-pedag%C3%B3gicas_do_ensino_de_empreendedorismo_em_universidades_brasileiras_e_norte-americanas>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GOBB, C. A importância do empreendedorismo na educação. **Blog**. 2018. Disponível em: <<https://www.imaginie.com.br/empreendedorismo-na-educacao/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

LAGAR, F.; SANTANA, B. B. de; DUTRA, R. **Conhecimentos Pedagógicos para Concursos Públicos**. 3. ed. Brasília: Gran Cursos, 2013.

NETO, C. B. **Empreendedorismo - Definições e Características**. 2009. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/empreendedorismo-definicoes-e-caracteristicas/30595/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

RANGEL, M. (Org.). **Supervisão pedagógica**: princípios e práticas. São Paulo: Papyrus, 2001.

_____. **Supervisão pedagógica princípios e práticas**. São Paulo: Papyrus, 2010.

SAVIANI, D. A supervisão educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da ideia. In: FERREIRA, N. C. (Org.). **Supervisão Educacional para uma escola de qualidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 13-38.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. São Paulo: Papyrus, 2004.